

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TIMON
DEPARTAMENTO DE LETRAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA

SIMONE RODRIGUES DE MATOS

LITERATURA E CINEMA: análise comparativa do personagem Heathcliff da obra
“*Morro Dos Ventos Uivantes*” de Émile Brontë e a adaptação cinematográfica de
Andrea Arnold

TIMON – MA

2024

SIMONE RODRIGUES DE MATOS

LITERATURA E CINEMA: análise comparativa do personagem Heathcliff da obra *“Morro Dos Ventos Uivantes”* de Émile Brontë e a adaptação cinematográfica de Andrea Arnold

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura em Letras Português, da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito institucional para obtenção de grau superior.

Orientador: Prof^ª. Dra. Samara Liz Silva Machado

TIMON – MA

2024

M8561I

Matos, Simone Rodrigues de

Literatura e cinema : análise comparativa do personagem
Hearthcliff da obra "Morro dos Ventos Uivantes" de Émile Bronte e a
adaptação cinematográfica de Andrea Arnold/ Simone Rodrigues de
Matos. – Timon, 2024.
43 f.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão
– UEMA, Curso de Licenciatura Plena em Letras Português, 2024.

Orientadora: Profª. Dra. Samara Liz Silva Machado

1. Hearthcliff . 2. Anti-herói. 3. Adaptação cinematográfica.
4. Morro dos ventos uivantes. 5. Sociedade vitoriana. I. Título.

CDU 82-344:971

SIMONE RODRIGUES DE MATOS

LITERATURA E CINEMA: análise comparativa do personagem Heathcliff da obra *“Morro Dos Ventos Uivantes”* de Émile Brontë e a adaptação cinematográfica de Andrea Arnold

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura em Letras Português, da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito institucional para obtenção de grau superior, pela seguinte banca examinadora:

Aprovado em: 05/04/ 2024.

BANCA EXAMINADORA

Samara Vaz Silva Machado

Presidente

Diego L. Rêgo Monteiro Rocha

1º Membro

Guilherme da Silva Barbosa

2º Membro

À minha querida família, que tanto amo, dedico o resultado do esforço realizado ao longo deste percurso.

À Deus.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, á Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos os meus anos de estudos. Á Deus, por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para não desanimar durante a realização deste trabalho.

Ao meu amado e querido esposo Francisco, mas conhecido como “Rodrigo” que sempre deu o Maximo de si tanto financeiramente como emocionalmente e esteve comigo sempre e nunca deixou que eu desistisse e acreditou me incentivou nos momentos difíceis e compreendeu a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho. Amo-te.

Aos meus filhos pelo amor incondicional recebido por toda a paciência que tiveram comigo nos meus dias difíceis e por acreditarem em mim mais do que eu mesma. Á mamãe ama vocês infinito Rhuan Gabriel, Luan Guilherme e Ludmilla, vocês são o melhor presente que recebi de Deus.

Á minha querida mãe Isis, por toda a paciente durante minha trajetória e ter sempre me incentivado a não desiste da graduação e por sempre querer o melhor pra mim, gratidão mãezinha. Ao meu querido e amado pai Levi Dias de Matos (*In memorian*) que foi meu maior incentivador e me levou a universidade cheio de alegria por carregar diariamente a única filha a entrar em uma universidade pública, a ele meu amor eterno.

Á minha amiga Gabriely Prazeres, que sempre estive ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo em que me dediquei a este trabalho e a nossa amizade que perpetue cada vez mais.

Á Profa. Me. Cristiane Araújo que me apresentou essa obra fantástica em 2019 e que eu nunca mais larguei. Á minha orientadora professora Dra. Samara Liz por toda a paciência e dedicação e por não permite que eu desistisse a você toda minha gratidão. Á todos que participaram direto ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado o meu muito obrigado.

*Se o amor dela morresse, eu arrancaria seu coração do peito e beberia seu sangue.
(O Morro dos Ventos Uivantes)*

RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo analisar o anti-herói de Heathcliff da obra literária, *Morro Dos Ventos Uivantes* de Emile Brontë e sua caracterização em 2011 para adaptação cinematográfica da cineasta e roteirista Andrea Arnold. Destacando suas transformações, perdas e ganhos e implicações dessa releitura para o cinema. Mostrando através de um estudo comparado o personagem Heathcliff sendo anti-herói e não só um vilão como demonstrado na adaptação de 2011. Foram de suma importância os estudos relacionados ao cinema, conceitos de mal, efeitos de opressão, racismo, xenofobia e a sociedade inglesa do século XIX. Diante disso, foi possível entender esse indivíduo fora do “padrão” e como isso contribuiu para sua transgressão e reflexo para que o conceito desse personagem seja visto como vilão. Para o desenvolvimento desta pesquisa foram utilizadas algumas contribuições teóricas e críticos literários como o de Scoz (2018), Burges (1996), Kothe (1994), Hutcheon (2006), Guimarães (2003), Cosson (2014), Stam (2008), Brait (1987) e outros. Mediante as leituras que foram possíveis analisar conclui-se que o personagem Heathcliff encontra-se em um conceito de anti-herói escrito por sua autora Émile Brontë que estava à frente do seu tempo com sua obra única publicada que perpetua até a contemporaneidade, fica claro que sua criação não se trata de um ser mal ou um vilão, mas sim de um anti-herói que foi criado sobre o reflexo da sociedade vitoriana.

Palavra chave: Heathcliff. Anti-herói. Adaptação cinematográfica. Morro dos ventos uivantes. Sociedade vitoriana.

ABSTRACT

The main objective of this work is to analyze Heathcliff's anti-heroism in the literary work *Wuthering Heights* by Emily Brontë and its characterization in 2011 for a film adaptation by filmmaker and screenwriter Andrea Arnold. Highlighting its transformations, losses and gains and implications of this reinterpretation for cinema. Showing through a comparative study the character Heathcliff being an anti-hero and not just a villain as demonstrated in the 2011 adaptation. Studies related to cinema, concepts of evil, effects of oppression, racism, xenophobia and English society were of utmost importance of the 19th century. Given this, it was possible to understand this individual outside the "standard" and how this contributed to his transgression and reflection so that the concept of this character is seen as a villain. To develop this research, some theoretical contributions and literary critics were used, such as Scoz (2018), Burges (1996), Kothe (1994), Hutcheon (2006), Guimarães (2003), Cosson (2014), Stam (2008), Brait (1987) and others. Through the readings that were possible to analyze, it is concluded that the character Heathcliff is part of a concept of anti-hero written by its author Emily Brontë, who was ahead of her time with her unique work published that continues into contemporary times, it is clear that his creation is not an evil being or a villain, but rather an anti-hero who was created as a reflection of Victorian society.

Keyword: Heathcliff. Anti hero. Film adaptation. *Wuthering Heights*. Victorian society.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Cathy e Heathcliff correndo no campo.....	18
Figura 2- Heathcliff colocando pó em seus olhos.....	26
Figura 3- A chegada de Heathcliff no Morro Dos Ventos Uivantes.....	33
Figura 4- O olhar de Heathcliff ao conhecer sua família adotiva.....	35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 CONTEXTO SOCIAL E LITERÁRIO.....	14
2.1 Literatura e cinema.....	16
2.2 Teorizando sobre a adaptação.....	17
2.3 As faces da adaptação cinematográfica.....	20
2.4 Impacto e implicações da adaptação literária.....	22
3 ADAPTAÇÃO À LUZ DA OBRA LITERÁRIA.....	24
4 A COMPLEXA REPRESENTAÇÃO DE HEATHCLIFF.....	30
4.1 Heathcliff o (anti) herói.....	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
6 REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

Inicia-se agora uma jornada fascinante pela Inglaterra especificamente em Yorkshire onde fica o casarão Morro dos Ventos Uivantes um lugar afastado dos burburinhos da cidade grande seus ventos são tão fortes que chega a dar assovios e é aqui que nossa aventura começa. Com a única obra publicada de Émile Brontë que perpetua até os dias atuais tornando-se um clássico mundial e a adaptação homônima de (2011) de Andrea Arnold roteirista e cineasta.

Este estudo comparado surgiu através de um interesse mútuo pela construção do personagem Heathcliff e como se deu essa representação nas obras distintas *Morro Dos Ventos Uivantes (wuthering heights)* (1847) de Émile Brontë e a adaptação cinematográfica (2011) de Andrea Arnold. Na qual seu personagem principal desafia as convenções sociais tornando-se um vilão perverso dominado pelo ódio e cede de vingança na qual seu único objetivo é destruir as famílias Earnshaw e Linton.

A justificativa desta pesquisa é analisar como as duas obras constroem a trajetória do personagem Heathcliff, pois o vilão em questão tem uma personalidade única e marcante em ambas as obras. Contudo é preciso percorrer como se deu essa natureza perversa e como sua infância e juventude foi marginalizada pela sociedade da época na qual a mesma o moldou. Com a ausência do bem e caracterizado com um vilão por natureza na adaptação cinematográfica para tanto cabe a análise comparativa das obras distintas para que possamos compreender e reconhecer Heathcliff como o anti-herói que foi sujeitado por “padrões” da sociedade tradicional vitoriana que nunca o aceitou.

Para fundamentação teórica, faz-se necessário o estudo sobre o personagem de ficção, herói, anti-herói, adaptação, literatura e cinema em específico ambientação, sonorização, espaço e estudo sobre o mal, vilão e a sociedade vitoriana. Para tanto, o presente trabalho foi de caráter qualitativo e de cunho bibliográfico com um olhar analítico de artigos disponíveis em periódicos científicos e revistas acadêmicas na qual os teóricos servem de referência para a temática

abordada, como a exemplo Hutcheon (2013), Guimarães (2003), Candido (2018) Scoz (2018), Brait (1987) e outros.

No primeiro capítulo e seus sub tópicos serão abordado o contexto social e literário em que a obra esta situada, falaremos brevemente sobre as questões intrínsecas da literatura e cinema, teorizando sobre a adaptação suas faces cinematográficas, seus impactos e implicações. No segundo capítulo demonstraremos adaptação à luz da obra literária e suas diferentes perspectivas. No terceiro capítulo apresentaremos a construção e a representação do personagem Heathcliff na obra *Morro Dos Ventos Uivantes* adaptação (2011) e literária (1847) e na sessão subsequente que finaliza o capítulo veremos o reconhecimento de Heathcliff como anti-herói.

2 CONTEXTO SOCIAL E LITERÁRIO

A obra “O Morro dos Ventos Uivantes” de Emily Brontë, publicada em 1847, é um marco do período literário vitoriano, uma época que se estendeu de 1837 a 1901, durante o reinado da Rainha Vitória. Este período foi marcado por uma série de transformações sociais, políticas e econômicas na Inglaterra, que se refletiram na literatura da época. Segundo Scoz:

Em um contexto de aceleradas mudanças sociais e econômicas na Europa, tendo a Inglaterra sido o berço da Revolução Industrial, com uma intensa vinda de camponeses em direção às cidades, Brontë se volta a escrever sobre uma realidade que estava aos poucos se esvaindo: o campo inglês. Ademais, os dois protagonistas da obra são sujeitos que a sociedade vitoriana marginalizava e silenciava os imigrantes e as mulheres, principalmente devido ao pensamento de hegemonia e superioridade do homem branco britânico. (SCOZ, 2018, p. 15-16).

Desse jeito, fica claro que a narrativa da autora nos apresenta uma crítica social não só das cidades grandes, mas também do campo mostrando que o preconceito social e racial esta presente e enraizada na cultura branca dos ingleses em todo o seu território não importando se é campo ou cidade.

A sociedade vitoriana era caracterizada por uma rígida estrutura de classes, com uma distinção clara entre a aristocracia e a classe trabalhadora. A elite, composta pela realeza e pela nobreza, detinha a maior parte da riqueza e do poder, enquanto a classe trabalhadora, composta por operários e camponeses, vivia em condições precárias e tinha poucas oportunidades de ascensão social. Segundo a firma Burges (1996, p. 215):

A época vitoriana tinha um grande número de problemas a enfrentar. Sob vários aspectos, foi uma época de progresso – construção de estradas de ferro, navios a vapor, reforma de todos os tipos -, mas foi também uma época de dúvida. Havia pobreza demais, injustiças demais, feiúra demais e muito pouca certeza sobre a fé ou a moral – tornou-se assim uma época de cruzados, reformadores e teóricos. (BURGES, 1996, p. 215).

Heathcliff, o personagem principal da obra, é um exemplo vívido dessa estrutura social. Como um órfão adotado pela família Earnshaw, ele é constantemente lembrado de sua posição inferior. Ele é tratado com desprezo por Hindley, o filho legítimo da família, e é relegado a uma posição de servidão. Trecho da obra:

“Pobre Heathcliff! Hindley chama-o de vagabundo e não permite mais que ele se sente ou coma conosco; diz ele que Heathcliff e eu não podemos brincar juntos e ameaça expulsá-lo de casa se nós desobedecermos às suas ordens. Ele tem culpado o nosso pai (como ele se atreve?) por tratar H. de modo demasiadamente liberal; e jura que vai colocá-lo em seu devido lugar...”. (Brontë, 2019, p.24)

No entanto, a narrativa de Brontë desafia as normas sociais da época ao retratar Heathcliff não como um personagem passivo, mas como alguém que luta contra sua condição social. Através de sua ambição e determinação, Heathcliff consegue subverter a ordem social estabelecida, tornando-se um proprietário de terras rico e poderoso. Esta ascensão social é retratada de forma crua e realista, sem romanização, refletindo a dura realidade da luta de classes na sociedade vitoriana. Como afirma Scoz (2018, p.21).

Assim, percebe-se que os romances são espaços importantes para críticas a questões pertinentes da atualidade do autor ou da autora. As narrativas, alicerçando-se nos contextos próprios, lançam luz à espaços ou temáticas negligenciadas, transformando, a exemplo de Heathcliff, a superioridade branca britânica em algo não mais naturalizado em sua plenitude, mas sim em uma situação que pode – e, aos olhos de Brontë, deve – mudar. (SCOZ, 2018, p. 21)

Heathcliff conseguiu superar as adversidades não se sabe como, ambas as obras não deixam clara de onde bem a riqueza do personagem, mas sabemos que essa riqueza contribuiu para atitudes mesquinha e cruéis de Heathcliff, tornando sua riqueza parte de problema, pela distribuição inadequada.

A obra de Brontë também se destaca por sua abordagem inovadora da narrativa, que inclui múltiplos narradores e uma estrutura temporal complexa. Esta técnica narrativa permite a autora explorar a psicologia de seus personagens de forma profunda, contribuindo para a riqueza e a complexidade da obra.

“*O Morro dos Ventos Uivantes*” é um clássico da literatura inglesa que reflete a crítica as tensões sociais e as normas culturais de sua época, ao mesmo tempo em que inova na forma e no conteúdo literário. Através de sua análise detalhada e perspicaz da sociedade vitoriana e de seu retrato complexo e heterogêneo de seus personagens, a autora criou uma obra que continua a ressoar com os leitores até os dias atuais.

2.1 Literatura e cinema

A conexão entre literatura e cinema tem despertado um crescente interesse no campo da literatura, principalmente devido à habilidade do cinema em adaptar obras literárias para o formato visual. Essa adaptação cinematográfica não apenas proporciona uma nova visão sobre obras literárias, mas também traz desafios e oportunidades através de outras artes. Segundo Kothe,

A estrutura profunda é um gesto semântico, conjugando um sentido a um modo de dizer, destinado a doutrinar pessoas sob a aparência de diversão (...) ela corresponde ao inconsciente do texto quando constitui e operacionaliza o inconsciente do leitor (KOTHE, 1994, p. 30).

Segundo Linda Hutcheon, a "arte provém de outra arte e histórias nascem de outras histórias" (Hutcheon, 2006, p. 2). Portanto, é necessário estudar essa arte derivada sem menosprezar ambas, mas sim apresentando comparações entre elas. Tanto o filme quanto a obra literária são formas de expressão distintas e ambas possuem suas particularidades, o que permite o estudo comparativo entre as duas manifestações artísticas. Contudo a manifestação de outras artes não se limita somente ao cinema. Como afirma Guimarães,

O processo de adaptação, portanto, não se esgota na transposição do texto literário para outro veículo. Ele pode gerar uma cadeia quase infinita de referências a outros textos, constituindo um fenômeno cultural que envolve processos dinâmicos de transferência, tradução e interpretação de significados e valores histórico-culturais (GUIMARÃES, 2003, p.91).

Nesse processo a literatura e o cinema são diferentes manifestações artísticas, porém complementares, que carregam consigo o propósito de narrar histórias e investigar a essência humana. Enquanto a literatura se vale da escrita para criar universos imaginários e abordar questões complexas, o cinema faz uso de imagens visuais e elementos sonoros para transmitir narrativas de maneira impactante aos olhos do espectador. Conforme Hutcheon (2013, p.30):

Em resumo, a adaptação pode ser descrita do seguinte modo:

- » Uma transposição declarada de uma ou mais obras reconhecíveis;
- » Um ato criativo e interpretativo de apropriação/ recuperação;

» Um engajamento intertextual extensivo com a obra adaptada. HUTCHEON (2013, p. 30).

Nos últimos anos, tem havido um aumento significativo na adaptação de obras literárias para o cinema, aproveitando-se da capacidade única da mídia cinematográfica de dar vida às palavras escritas. No entanto, esse processo de adaptação apresenta desafios significativos, especialmente no que diz respeito à construção de personagens primários que em breve será apresentado em outro capítulo.

2.2 Teorizando sobre a adaptação

A adaptação cinematográfica de “O Morro dos Ventos Uivantes” de 2011, dirigida por Andrea Arnold, é uma interpretação visualmente impressionante e emocionalmente poderosa da obra literária de Emily Brontë. Arnold, conhecida por seu estilo cinematográfico distinto e visceral, utiliza a linguagem cinematográfica de maneira eficaz para realçar os aspectos mais sombrios, brutais e emocionalmente carregados da história. Ao discutimos sobre obra literária em adaptações para película, Cosson, (2014) esclarece:

O literário do filme é, portanto, essa interpretação feita com base no roteiro, mas que não se reduz a ele, antes compõe um todo junto com outros elementos, daí receber a denominação de filme. Essa condição literária fica mais clara quando ocorre a transposição de um romance para a tela. (COSSON, 2014, p. 17)

Nesse contexto, o literário está presente no espaço cinematográfico e sua relação se faz necessária em adaptações permitindo assim outras interpretações da obra original, claro que estamos falando de outras artes. Logo, a mesma apresentara outro processo e elementos da narrativa nem sempre atuando com fidelidade, porque quando se muda o meio de comunicação a uma quebra através do veículo de comunicação usado. Sobre isso Pellegrine comenta:

Convivendo à margem no interior desse universo cultural colorido e cambiante, cuja reprodução e veiculação dependem de um sofisticado aparato tecnológico, o texto literário vem sofrendo transformações sensíveis expressas numa espécie de diálogo com ele, cujas marcas estão claras na sua própria tessitura (PELLEGRINE, 2003, p.16).

Um dos elementos mais notáveis da adaptação de Arnold é a forma como ela retrata a paisagem desolada e ventosa do morro. No romance de Brontë, o cenário é

um personagem em si, um reflexo do estado emocional tumultuado dos atores e um símbolo da brutalidade e da selvageria da vida no morro dos ventos uivantes e essa descrição dos ambientes contribuem para a construção dessa atmosfera sombria que assola o lugar e que ajuda a determinar a caracterização dos personagens. Como afirma Sayuri Matsuoka (2018) em sua tese de doutorado:

Uma preocupação, entretanto, perpassa essas leituras: todos os romances desse período apresentam, em maior ou em menor escala, aspectos relacionados à sociedade, de modo que o ambiente que circunda as personagens atua de forma determinante para a sua caracterização e para suas ações. São muitas as formas de abordar o emprego dessas estratégias estéticas. Uma delas direciona a observação para os aspectos que compõem o estilo de um escritor, considerando para isso a influência de elementos como sua formação cultural e mostrando como se dá a representação de objetos tomados ao mundo real no texto artístico. (MATSUOKA, 2018, p. 12).

Arnold captura esse elemento de maneira vívida e tangível em seu filme. Ela utiliza a cinematografia para criar imagens do espaço como o vento uivante, o céu cinzento e tempestuoso, a vegetação rústica e resistente que ampliam a sensação de isolamento, desespero e conflito que permeia a narrativa. Como podemos observar na figura 1 abaixo:

Figura1: Cathy e Heathcliff correndo no campo



Fonte: Filme Morro Dos Ventos Uivantes (2011).

Além disso, a cineasta utiliza a linguagem cinematográfica para aprofundar a complexidade dos personagens e suas relações. Por exemplo, a relação tumultuada e apaixonada entre Heathcliff e Catherine é retratada de forma mais intensa e imediata no filme. Através do seu enquadramento fechamento, movimentos de câmera íntimos e a utilização do som e da música, Arnold consegue transmitir a intensidade das emoções dos personagens e a natureza destrutiva de seu amor. De acordo com Linda Hutcheon:

[e]ncontramos uma história de que gostamos e então criamos variações dela através da adaptação. Mas como cada adaptação deve se manter por conta própria, separada dos prazeres palimpsésticos da experiência duplicada, ela não perde sua aura benjaminiana. Não se trata de uma cópia num modo de reprodução qualquer, mecânica ou outra. É uma repetição, porém sem replicação, unindo o conforto do ritual e do reconhecimento com o prazer da surpresa e da novidade. Como adaptação, ela envolve memória e mudança, persistência e variação (HUTCHEON, 2013, p. 229-30).

Isso acontece porque tanto a literatura quanto o cinema são meios artísticos distintos e autônomos de narrar uma história. De acordo com Hutcheon, na transição do ato de narrar para o ato de exhibir, a adaptação precisa transformar a descrição e a narração em dramatização. Além disso, os pensamentos que são apresentados precisam ser convertidos em diálogos, ações, sons e imagens visuais (Hutcheon, 2013, p. 69).

A adaptação cinematográfica da cineasta em “O Morro dos Ventos Uivantes” é uma interpretação evocativa do romance de Brontë. Ela utiliza a linguagem cinematográfica para realçar os temas e os conflitos do romance, oferecendo uma nova perspectiva sobre a obra literária.

2.3 As faces da adaptação cinematográfica

A adaptação fílmica oferece uma série de novas interpretações que podem enriquecer a experiência do público. Uma delas é a capacidade de visualizar os personagens e cenários descritos na obra literária. Isso pode ou não proporcionar uma compreensão mais profunda e imersiva da história, pois permite que o público veja os personagens e cenários exatamente como o diretor os interpretou. Nesse sentido (Liberatti, 2011, p. 15) confirma:

O que é transposto de um sistema semiótico para outro, ou, como aqui, da literatura para o cinema, é o significado do signo. O signo, por estar diante de um objeto e ao transmitir um significado, produzirá uma ideia mais avançada – o interpretante. Todo processo de tradução, como um ato de significação, segue este padrão: um indivíduo experimenta um signo (um texto) que está por ou refere-se a um fenômeno no universo ficcional e que cria um sentido (o interpretante) em sua mente. Esse sentido é um signo equivalente ao primeiro signo e se transforma em outro signo, talvez outro texto ou filme (LIBERATTI, 2011, p. 15).

Nesse caso, a adaptação tem o potencial de alcançar um público mais amplo envolvendo outras artes. Enquanto a leitura de um livro requer tempo e concentração, assistir a um filme é uma atividade mais passiva e acessível. Isso significa que a história pode ser apreciada por pessoas que podem não ter acesso ou interesse em ler o livro, incluindo crianças, pessoas com dificuldades de leitura ou pessoas que simplesmente preferem o formato visual.

No entanto, a adaptação cinematográfica também apresenta vários contra pontos. Uma das principais é a possibilidade de simplificação ou alteração de aspectos da história para se adequar ao meio visual. Isso pode resultar em uma interpretação diferente da intenção original do autor. Por exemplo, linguagem, pensamentos internos dos personagens e subtramas podem ser perdidos na tradução do texto para a tela. Segundo: (Carvalho, 2013, p.17):

[...] a adaptação fílmica pode objetivar a reafirmação de valores ideológicos e estéticos expressos no texto-fonte. Pode também contestar, criticar, ironizar ou parodiar idéias do texto que o precede, pode servir ao propósito de transpor imagens mentais para imagens pictóricas, transpor apenas o clima ou atmosfera reinante, ou ainda, servir como recurso de modernização e/ou atualização de narrativas já consagradas, revelando certa percepção ou ponto de vista particular em relação ao texto-fonte. Somam-se a esses objetivos, aqueles de ordem financeira, ideológica, cultural, política e moral, advindas da relação de reordenação de um texto já finalizado em um determinado meio (CARVALHO, 2013, p. 17).

Contudo, os leitores que se baseiam apenas na adaptação cinematográfica podem perder detalhes presentes no texto original. Isso pode levar a uma compreensão incompleta ou distorcida da obra. Por exemplo, a complexidade dos personagens e a profundidade da trama podem ser reduzidas para se adequar às limitações de tempo e formato do cinema.

Portanto, embora a adaptação cinematográfica possa oferecer uma nova perspectiva e alcançar um público mais amplo, ela também apresenta desafios e limitações que devem ser considerados ao avaliar a construção do personagem e eficácia em relação à obra literária original.

2.4 Impacto e Implicações da Adaptação Literária

A prática de adaptar obras literárias para o cinema tem causado uma transformação profunda na literatura e na forma como a consumimos. Ao traduzir o texto escrito para imagens em movimento, a adaptação cinematográfica tem o potencial de ampliar significativamente o alcance das obras literárias. Segundo Kothe:

A estrutura profunda é um gesto semântico, conjugando um sentido a um modo de dizer, destinado a doutrinar pessoas sob a aparência de diversão (...) ela corresponde ao inconsciente do texto quando constitui e operacionaliza o inconsciente do leitor (KOTHE, 1994, p. 30).

Ou seja, através da estrutura profunda da obra que a torna legítima e imortal que possível trabalhar outras artes. Isso ocorre porque os filmes, como meio de comunicação visual, são capazes de transcender as barreiras linguísticas e culturais de uma maneira que os leitores muitas vezes não conseguem imaginar. Assim, histórias que antes estavam confinadas a leitores de uma determinada língua ou cultura podem agora ser apreciadas por um público universal. Uma vez que:

reconstruir o projeto enunciativo de partida sob as novas coerções impostas pela concepção da obra de chegada (coerções que podem ser de diversas ordens, como diferenças semânticas e sintáticas de uma nova língua, mobilizações sensoriais diversas em linguagens diferentes, nova cultura, perfil do leitor etc.) faz com que o tradutor [ou adaptador] se coloque na posição de um Janus que deve tirar da sua interpretação da obra de partida as escolhas que darão forma à obra de chegada. (MANCINI, 2020, p. 17).

No entanto, essa prática também levanta questões complexas sobre a construção do personagem à obra original. A transposição de uma obra literária para o cinema envolve inevitavelmente uma série de escolhas interpretativas por parte do diretor e dos roteiristas afirma Stam:

A passagem de um meio unicamente verbal como o romance para um meio multifacetado como o filme, que pode jogar não somente com palavras (escritas e faladas), mas ainda com música, efeitos sonoros e imagens fotográficas animadas, explica a pouca probabilidade de uma fidelidade

literal, que eu sugeriria qualificar até mesmo de indesejável (STAM, 2008, p.20).

Essa passagem pode afetar a maneira como a história é percebida e compreendida pelo público. Por exemplo, aspectos importantes da obra literária, como o estilo de escrita do autor, a voz narrativa ou linguagem, podem ser perdidos ou alterados na adaptação cinematográfica. Porém sabemos que uma arte é independente da outra, mesmo assim cabe a nos pesquisadores analisar de que forma uma arte pode afetar na interpretação dos nossos leitores.

Em longo prazo, a adaptação literária pode levar a uma maior interação entre diferentes formas de mídia, resultando em novas formas de narrativa. Por exemplo, a popularidade das adaptações cinematográficas tem levado a um aumento no número de livros escritos com a intenção explícita de serem adaptados para o cinema. Isso tem implicações significativas para a forma como as histórias são contadas e estruturadas. Segundo Wollen:

O cinema é a forma privilegiada que permite dar tanto a aparência como a essência, tanto o aspecto autêntico do mundo real como a sua verdade. O mundo real é desenvolvido ao espectador purificado pela sua travessia no espírito do artista o visionário que tanto vê como mostra ...; ao procurar fazer do cinema um medium convencional rouba-lhe as potencialidades de ser um universo alternativo melhor, mais puro, mais verdadeiro (WOLLEN, 1984, p.165).

No entanto, é crucial garantir que a essência e a complexidade da obra literária original não sejam perdidas no processo de adaptação. Embora a adaptação cinematográfica possa oferecer uma nova perspectiva sobre a obra através de sons e imagem, o cinema não é superior a linguagem não desmerecer a outra arte, mas muitas vezes a arte transmitida através das telonas tem formas ambíguas de interpretação deixando assim lacunas para o espectador. A mesma não deve substituir a experiência de leitura do texto original e com imaginação única de cada leitor.

3 ADAPTAÇÃO À LUZ DA OBRA LITERÁRIA

Nos montes desolados de Yorkshire, Inglaterra, ergue-se o *Morro dos Ventos Uivantes*, um casarão gótico. A paisagem é dominada por vastas extensões do campo, onde o vento sopra implacavelmente, uivando entre as colinas e os rochedos. O solo é árido e coberto de plantas resistentes ao tempo úmido. Um lugar longe dos burburinhos da cidade como podemos comprovar em um trecho extraído da obra na fala do primeiro narrador senhor Lockwood o novo inquilino de Heathcliff da granja de Thrushcross:

1801. Acabei de voltar de uma visita ao meu senhorio, o único vizinho com quem terei de me incomodar. Esta parte do interior é realmente bonita! Em toda Inglaterra, não acredito que pudesse ter me instalado em um lugar tão deslocado por completo do alvoroço da vida em sociedade. É um paraíso perfeito para um misantropo. (BRONTË, 2019, p. 5).

O casarão em si é uma construção imponente, com paredes de pedra cinzenta e janelas estreitas. Seus corredores sombrios ecoam com segredos e memórias antigas. As tábuas do assoalho rangem sob os passos dos moradores, e as escadas de madeira conduzem a quartos escuros e empoeirados. Os móveis são antigos e desgastados, testemunhas silenciosas de décadas de dramas familiares. Como podemos confirmar a seguir de forma detalhada na fala do primeiro narrador o senhor Lockwood:

A primeira parada foi na sala de estar da família, para a qual não havia qualquer vestíbulo ou corredor de entrada: aqui eles a chamam, preferencialmente de “a casa”. Ela normalmente inclui cozinha e sala; mas creio que, no Morro dos Ventos Uivantes, a cozinha fora forçada a bater em retirada para outra parte: pelo menos pude distinguir o tagarelar de línguas, o tilintar de utensílios de cozinha, vindos bem de dentro da casa; e não vi sinal de assado ou cozidos na enorme lareira; nem sequer um brilho de panelas de cobre e de estanho nas paredes. Na verdade, uma das extremidades refletia esplendidamente tanto a luz quanto o calor de fileiras de enormes pratos de estanho, elevando-se, fileira atrás de fileira, num imenso aparador de carvalho, até o teto. Este jamais fora revestido com ripas de madeira ou argamassa: toda sua anatomia estava exposta a olhos curiosos, exceto no ponto em que uma moldura de madeira carregada de torta de aveias e montanhas de pernis de carneiro, vaca e presuntos a tapava. Sobre a lareira, havia uma série de armas antigas e de aspecto raivoso, e um par de pistolas de cavaleiro: e, como ornamento, três potes de metal pintados com cores chamativas, dispostos na beirada. O piso era liso, de pedra branca; as cadeiras, com encosto alto, estruturas primitivas, pintadas de verde: uma ou duas cadeiras pesadas e pretas espreitavam a sobra. Em um arco sob o aparador, repousava uma enorme cadela perdigueira cor de fígado, rodeada por um enxame de filhotes que soltavam latidos estridentes; e outros cachorros assombravam outros vão. (BRONTË, 2019, p. 7).

O Morro dos Ventos Uivantes é habitado por duas famílias: os Earnshaw e os Linton. A rivalidade entre essas famílias é tão antiga quanto à própria casa. É nesse cenário severo e melancólico que a trama se desenrola. Contada a até o quarto capítulo pelo novo inquilino Lockwood e a partir do quarto capítulo teremos uma nova narradora a senhora Nelly Dean, que acompanha todas as gerações da família Earnshaw, Linton e Heathcliff. Como veremos em um trecho a seguir uma conversa inicial entre os dois narradores, o senhor Lockwood e a senhora Dean;

- A senhora vive aqui há bastante tempo – comecei a falar.

- Faz 16 anos, não foi isso o que a senhora disse?

- Dezoito senhor: eu vim para cá quando a senhora da casa se casou, para servi-la; depois que ela morreu, o senhor da casa manteve-me como governanta.

- De fato. (BRONTE, 2019, p. 35).

O enredo gira em torno dessas duas famílias, que vivem na propriedade de Morro Dos Ventos Uivantes, situada nos morros sombrios de Yorkshire. Lockwood se envolve com os moradores de morro dos ventos uivantes e descobre os segredos sombrios que permeiam a história das famílias Earnshaw e Linton, incluindo o amor obsessivo e destrutivo entre Heathcliff e Catherine Earnshaw.

O casarão é vasto e desolado, com o vento soprando sem obstáculos, carregando consigo o cheiro da terra e o lamento das almas atormentadas. À noite, quando a lua está alta, os uivos do vento parecem se misturar com os suspiros dos personagens, criando uma atmosfera de paixão e tragédia. Como podemos observar na fala do primeiro narrador o inquilino indesejável do senhor Heathcliff: “Morro dos Ventos Uivantes era o nome da residência do senhor Heathcliff. “Uivante” era um adjetivo provinciano significativo, que descreve a confusão atmosférica à qual aquela região estava exposta em dias de tempestade”. (BRONTË, 2019, p. 6).

É nesse cenário desacolhedor que os destinos de Heathcliff e Cathy se entrelaçam, marcando-os para sempre. O Morro dos Ventos Uivantes se torna não apenas um lugar físico, mas um símbolo de amor ardente, vingança implacável e o eterno conflito entre desejo e destino.

Assim como no romance, o filme alterna entre diferentes períodos de tempo, infância e a juventude dos personagens principais, Heathcliff e Cathy, e o impacto de seu relacionamento na vida das pessoas ao seu redor. O filme se concentra nas dinâmicas intensas e perturbadoras entre os personagens, especialmente o amor obsessivo e destrutivo entre Heathcliff e Cathy. A relação entre os protagonistas é retratada de forma intensa, explorando os aspectos mais sombrios e psicológicos do romance. E sobre essa adaptação que tende a transformar o personagem de uma arte para outra Hutcheon afirma:

[e]mbora as adaptações sejam também objetos estéticos por direito próprio, é somente como obras inerentemente duplas ou multilaminadas que elas podem ser teorizadas como adaptações. A natureza dupla de uma adaptação não significa, no entanto, que a proximidade ou fidelidade ao texto adaptado deve ser o critério de julgamento ou o foco da análise. (HUTCHEON, 2013 p. 9.)

Em contra ponto com o texto literário a infância de Heathcliff não é retratada de forma complexa na adaptação de Arnold, o que pode leva ao espectador uma interpretação um tanto precipitada desse personagem, não levando em consideração seu passado e todo o desprezo e maus-tratos sofrido por Hindley seu irmão de criação.

A direção de arte e a trilha sonora contribuem para criar uma atmosfera sombria e opressiva, complementando a narrativa visual e emocionalmente. A película de Andrea Arnold é uma adaptação cinematográfica ousada e intensa do clássico romance de Emily Brontë. Na qual vemos o personagem principal de uma forma complexa e violenta, embora a cineasta tenha deixado de fora um caminho que o levou até esse destino sombrio e solitário. Em contrapartida a roteirista mostrar através da adaptação que Heathcliff é uma criança terrível e só veio pra causar discórdia no seio da família e que desde pequeno já mostrava sua natureza violenta. Como iremos observar em uma das cenas do filme na figura 2:

Figura 2: Heathcliff colocando pó em seus olhos



Fonte: Filme Morro Dos Ventos Uivantes (2011).

Na imagem anterior mostra Heathcliff colocando pó em seus próprios olhos para fingir um choro e se fazer de arrependido, logo após ter sido disciplinado pelo senhor da casa. O que não acontece na obra original até porque Heathcliff nem precisava fingir porque os maus-tratos eram reais. Ao capturar essa essência sombria e complexa, o filme oferece uma interpretação intrínseca da história contemplando amor, ódio e obsessão. Contudo não explora o caminho de angustia na qual Heathcliff teve que superar diante de alguns membros da família adotiva, da sociedade da época e até da criadagem da casa. Como veremos em um trecho da obra literária através da fala da narradora personagem senhora Dean:

Ele parecia ser uma criança taciturna e paciente; endurecida, talvez, pelos maus-tratos; suportava as pancadas de Hindley sem sequer piscar ou derramar uma lágrima, e meus beliscões apenas o faziam respirar fundo e arregalar os olhos, como se tivesse se machucado por acidente e ninguém tivesse culpa. (BRONTË, 2019, p. 40).

Assim Cathy e Heathcliff desenvolvem uma relação intensa. Ao crescerem juntos e compartilham uma amizade profunda, mas também uma paixão avassaladora. E é nesse cenário dramático que uma tragédia amorosa acontece. Durante um passeio a noite na Granja de Thrushcross, Cathy e Heathcliff se envolvem em um pequeno acidente na qual Cathy torce o tornozelo e precisa ficar aos cuidados dos Linton e ficou lá cerca de cinco semanas e claro que Heathcliff não

foi bem vindo em meio a essa família tradicional inglesa que o despreza por não ser um legítimo inglês. Vejamos um pequeno trecho que afirma:

Mas quem é este? Onde ela arrumou tal companhia? Arrá! Afirmo que ele é aquela aquisição estranha feita por meu finado vizinho em sua viagem a Liverpool... Deve ser um pequeno lascar, ou um americano, ou um degredado espanhol. (BRONTË, 2019, p. 53).

Como vimos no trecho do livro citado anterior o desprezo dos Linton pelo jovem Heathcliff por sua origem desconhecida é só o início de uma trama que se inicia e que trará inevitáveis conseqüências ao longo de toda a trama e faz nascer em Heathcliff à primeira semente de ódio em seu coração ao ter que se separar de Cathy sua irmã adotiva na qual nutriu um amor avassalador. O tempo em que Cathy ficou fora de casa foi tratada como uma princesa pela família Linton o que a fez ter dúvidas de seus sentimentos por Heathcliff e voltou um tanto transformada como veremos:

Cathy ficou cinco semanas na Granja de Thruschcross, até o natal. Aquela altura, o tornozelo dela já estava completamente curado, e os modos dela haviam melhorado muito. A senhora Earnshaw visitou-a com frequência nesse meio tempo e começou seus planos de regeneração tentando aumentar o amor-próprio de Cathy com roupas finas e lisonjas, os quais ela aceitou sem restrições. Então, em vez de uma garota selvagem e mau-educada a pular pela casa, apressando-se ofegante para abraçar-nos apertado, vimos surgir, em cima de um pônei negro, uma pessoa muito decorosa, com cachos castanhos pendendo de um chapéu de pele de castor, e usando um hábito comprido, que ela era obrigada a carregar com as duas mãos para poder andar. (BRONTË, 2019, p. 55).

Nesse contexto de mudança, que cresceu um sentimento de ódio até em tão desconhecido de Heathcliff ao saber que está próximo de perder sua amada Cathy. E nessas reviravoltas Catherine casa-se com outro homem, Edgar Linton, por razões sociais e financeiras, deixando Heathcliff devastado. Porém ela ainda o ama, mas por circunstâncias da vida Heathcliff escuta Cathy contando um segredo para senhora Nelly, ao escutar foge imediatamente;

Eu devo me casar com Edgar Linton tanto quanto mereço estar no céu. E, se aquele homem perverso lá em cima não tivesse feito Heathcliff descer tão baixo, eu não pensaria duas vezes. Seria degradante para mim me casar com Heathcliff agora; portanto, ele jamais saberá o quanto o amo. E isso não por ele ser bonito, Nelly, mas porque ele é mais eu do que eu mesma. Seja qual for a matéria de quem nossas almas são feitas, a minha e a dele são iguais; e a de Linton é tão diferente quanto o raio de luar é de um relâmpago, ou a geada, do fogo. (BRONTË, 2019, p.84).

Diante do ocorrido anteriormente, Heathcliff sem ter ouvido que Cathy o amava, mas do que ela mesma foge do morro dos ventos uivantes pelo desejo de vingança, e retorna após anos de ausência e se envolve em uma trama de amor, ódio e tragédia. A história é narrada por meio de flashbacks e narrativas entrelaçadas, revelando segredos obscuros e eventos marcantes. O Amor e obsessão entre Heathcliff e Catherine transcendem a morte e molda suas vidas.

Diante disso, Heathcliff busca vingança contra aqueles que o separaram de Catherine. O cenário desolado reflete o tumulto emocional dos personagens. A história culmina em tragédia, com mortes, arrependimentos e almas atormentadas. O *wuthering heights* (nome original) da obra de Émile brontë (Morro dos Ventos Uivantes) tradução, permanece como um símbolo de paixão selvagem e destino fatal. Uma jornada emocional intensa, explorando os limites do amor e da obsessão tanto na obra literária quanto na obra fílmica.

4 A COMPLEXA REPRESENTAÇÃO DE HEATHCLIFF

É fundamental abordar a representação do personagem Heathcliff na adaptação cinematográfica de *"Morro dos Ventos Uivantes"* de 2011, dirigida por Andrea Arnold, à luz da obra literária de Émile Brontë. Na obra literária original, Brontë apresenta Heathcliff como um anti-herói atormentado por traumas, emoções intensas, um personagem complexo e com personalidade única, cujas origens obscuras e status social marginalizado o definem como uma figura enigmática e atormentada. Como podemos observar nesse trecho da obra: “Veja só minha esposa! Nunca me senti tão cansado assim na vida. Mas você deve ver isso como uma dádiva de Deus, apesar de ele ser tão escuro que parece ter vindo do diabo” (BRONTË, 2019, p.39).

A pele negra estava associada com o fogo do inferno, significando, assim, na mitologia cristã, uma proveniência demoníaca. O perverso e exagerado apetite sexual dos monstros era, em geral, rapidamente atribuído ao etíope; esse vínculo era apenas reforçado por uma reação xenofóbica à medida que as pessoas de pele escura eram levadas, de forma forçada, para a Europa, no início da Renascença. (COHEN, 2000, p. 37).

Como podemos perceber anteriormente a descrição de sua pele escura e comparações com a cor do diabo sugerem que ele veio de uma etnia não especificada, enfatizando sua posição periférica na sociedade inglesa do século XIX. Além disso, as referências ao tratamento hostil que ele recebe, incluindo insinuações de que seu lugar é na cozinha já citado em outro capítulo desta pesquisa, destacam as injustiças sociais e o preconceito que ele enfrenta ao longo da trama.

Ao analisar a adaptação cinematográfica de Arnold, é evidente que a representação de Heathcliff é influenciada por escolhas estilísticas e interpretativas específicas do diretor, bem como por considerações culturais e sociais contemporâneas. Por meio dessa comparação, é viável examinar como diferentes mídias retratam e interpretam a mente do personagem. Sabemos que a ambientação auxilia na construção do personagem e ajuda a criar espaço na memória do leitor. Segundo Matsuoka, 2018:

O espaço é, nesse sentido, um dos elementos que mais auxilia tanto na elaboração estética quanto na constituição dos sentidos das narrativas, favorecendo assim o processo ficcional e as interpretações que ele suscita. No romance, ele tende a se configurar pela referência à toponímia real, o que permite a aproximação imediata entre ficção e realidade. Mas sua atuação vai além da localização e da figuração de espaços geográficos, estando muitas vezes relacionado a significados simbólicos e teológicos. (MATSUOKA, 2018, p. 14).

A intertextualidade entre a obra literária e a obra fílmica é essencial para entender como o cinema interpreta e reinterpreta os textos literários. Entretanto, a análise comparativa do personagem Heathcliff na obra literária "*O Morro dos Ventos Uivantes*", de Émile Brontë, publicada em 1847, e a obra fílmica dirigida por Andrea Arnold em 2011, enfrenta limitações significativas. A diferença de mídia e as decisões artísticas dos cineastas podem resultar em interpretações distintas dos personagens e da trama, tornando desafiador estabelecer uma comparação direta entre as duas obras. Nesse sentido, as "mudanças são inevitáveis no momento em que se abandona o meio linguístico e se passa para o visual" (Bluestone, 1973, p. 219). Robert Stam (2008) defende que:

[a] noção de fidelidade ganha força persuasiva a partir de nosso entendimento de que: (a) algumas adaptações de/ato não conseguem captar o que mais apreciamos nos romances fonte; (b) algumas adaptações são realmente melhores do que outras; (c) algumas adaptações perdem pelo menos algumas das características manifestas em suas fontes. Mas a mediocridade de algumas adaptações e a parcial persuasão da "fidelidade" não deveriam levar-nos a endossar a fidelidade como um princípio metodológico. Na realidade, podemos questionar até mesmo se a fidelidade estrita é possível. Uma adaptação é automaticamente diferente e original devido à mudança do meio de comunicação. A passagem de um meio unicamente verbal como o romance para um meio multifacetado como o filme, que pode jogar não somente com palavras (escritas e faladas), mas ainda com música, efeitos sonoros e imagens fotográficas animadas, explica a pouca probabilidade de uma Fidelidade literal, que eu sugeriria qualificar até mesmo de indesejável. (Stam, 2008, p. 20).

Entendemos que a fidelidade a obra original não é tão importante e que cada arte é independente como já afirmou Hutcheon: Adaptação é repetição, mas repetição sem replicação. (HUTCHEON, 2013, p. 9). No entanto, a adaptação cinematográfica também simplifica e condensa elementos da narrativa original para se adequar ao meio cinematográfico. A profundidade psicológica e a complexidade do personagem Heathcliff na obra literária podem ser reduzidas na adaptação cinematográfica, levando a uma representação mais superficial de suas motivações e conflitos internos.

Entretanto, embora original e tradução sejam diferentes enquanto linguagem, suas informações estéticas estarão ligadas por uma relação de isomorfia (Plaza, 1987, p. 12). Ou seja, ambas as obras por mais diferente que sejam terão algo em comum em ambas as artes e “certos pormenores e complementos, aparentemente gratuitos, formam, quando inteligentemente utilizados, uma ação unificante” (Bastos, 1961, p. 172). Logo, toda narrativa estará pautada as mudanças sejam elas boas ou más. Como afirma Lopes:

O livro pode sugerir filmes que o espectador que o leu gostaria de poder fazer e que, observa consternado, não foram os efetivamente feitos. O filme pode ter nascido de um livro menor e sugerir coisas que, bem aproveitadas, dariam em literatura de qualidade superior. A multiplicidade dos caminhos e possibilidades propõe um debate que nunca se esgotará (Lopes, 2004).

Nesse contexto, a literatura conecta a realidade cotidiana à criatividade do autor, permitindo que ele apresente as mais diversas questões sob uma perspectiva empolgante e cativante, que segura a atenção do leitor/ou espectador. Contudo, a construção do personagem Heathcliff na adaptação cinematográfica de 2011 reflete uma interpretação contemporânea e inclusiva do personagem, ao mesmo tempo em que simplifica e condensa elementos da obra original. Embora a obra fílmica capture a essência sombria e intensa do personagem principal, ela não captura a profundidade e complexidade que o levou na construção de sua personalidade de vilão. Mas sobre essas mudanças Bazin (1991) explica:

O romance tem, sem dúvida, seus próprios meios, sua matéria é a linguagem [verbal], não a imagem, sua ação confidencial sobre o leitor isolado não é a mesma que a do filme sobre a multidão das salas escuras. Mas, justamente as diferenças de estruturas estéticas tornam ainda mais delicada a procura das equivalências; elas requerem ainda mais invenção e imaginação por parte do cineasta que almeja realmente a semelhança (Bazin, 199, p. 95).

Através dessas convergências que acontece quando se muda o meio de comunicação que o texto está sendo transmitido entendi-se que tudo depende como o cineasta almeja transpor a obra-texto, seja ela com (in) fidelidade ou não segundo Benjamin “A arte contemporânea será tanto mais eficaz quanto mais se orientar em função da reprodutibilidade e, portanto, quanto menos colocar em seu centro a obra original” (Benjamin, 1994, p. 180). Contudo, alguns estudiosos do assunto não aderiram a essa liberdade contemporânea de simplesmente mudar uma obra no

todo apenas com a explicação de que uma obra é independente da outra, como afirma Bremond;

Mas o encadeamento de ponta a ponta destas fases contrárias só recebe um começo de ordem na medida em que, em vez de se suceder numa contingência que não significa nada, nem mesmo seu próprio absurdo, elas se implicam e se explicam uma pela outra (Bremond, 1973, p. 85).

Nesse sentido, quando se trata de transpor uma obra literária para a adaptação esse encadeamento permitirá a sequência da narrativa para seu leitor/espectador dando assim a oportunidade de fazê-lo seus próprios julgamentos através da mídia na qual foi imposta para o público. Considerando que “o conteúdo de um filme se apresenta, na realidade, como um conjunto de temas combinados, mais ou menos integrados na mensagem global do filme” (Espírito Santo, 1973, p. 59).

4.1 Heathcliff o (anti) herói

O personagem de Heathcliff que na obra cinematográfica ainda é apresentado como sombrio e atormentado, um vilão incurável desde sua infância contrariando sua trajetória no texto-fonte. Talvez isso tenha sido atribuído à moderna intenção de Arnold de criar um personagem mais universal e identificável para o público contemporâneo. No entanto temos que entender como se dar esse ser mal e porque ele se apresenta de forma tão cruel através da mídia. Sobre isso afirma Siqueira (2012, p. 91):

Diante de uma dificuldade de transpor em uma linguagem simples as discussões de filósofos e teólogos sobre o Mal – Agostinho e Tomás de Aquino, por exemplo, consideram-no uma privação do bem, o que acaba por tornar o mal em si mesmo como nada, isto é, uma ausência – a literatura tem por mérito a capacidade de tornar o indizível visível por meio do uso de figuras do discurso, especialmente metáforas e alegorias, as quais podem figurar noções abstratas de modo concreto já que estas figuras levam o significado de um domínio ontológico para outro, criando uma relação de significados. (SIQUEIRA, 2012, p. 91).

Nesse sentido, Agostinho e Tomás de Aquino deixa claro em seu discurso que um ser não nasce mal ele apenas teve ausência do bem, é o que acontece com Heathcliff na obra literária, um ser que é desprezado desde seu nascimento e quando achamos que seria diferente ao ser adotado por uma família ter teto e

cominada o tornaria melhor ele se depara com o desprezo no momento em que é apresentado para sua nova família. Brontë (2019, p.39):

Reunimo-nos em volta dele, e por sobre a cabeça da senhorita Cathy pude espiar um menino de cabelo preto, sujo e maltrapilho, grande o bastante para já andar e falar. [...] eu tive medo, e a senhora Earnshaw estava pronta para expulsá-lo porta afora. Ela se levantou furiosa e perguntou ao marido de onde ele havia tirado a idéia de trazer para casa aquele ciganinho, quando eles já tinham os próprios filhos para cuidar e dar de comer. (BRONTË, 2019, p.39).

Em contrapartida na adaptação de 2011 temos um Heathcliff que mostra sua natureza perversa desde sua chegada, a cineasta fecha o ângulo do personagem de forma que o mostra um ser desprezível e hostil um olhar raivoso e com sombreamento intenso imagem escura quando focada no rosto de Heathcliff, passando assim para o telespectador sua natureza diabólica desde sua infância. Como podemos observar na figura 3:

Figura 3: A chegada de Heathcliff em Morro dos Ventos Uivantes



Fonte: Filme Morro Dos Ventos Uivantes (2011).

Contudo, temos alguns questionamentos sobre o personagem Heathcliff e sua construção na adaptação de 2011, visto sempre como um vilão perverso. Mas porque Heathcliff é tão mal? Mesmo ainda quando é uma criança? Mas porque até sua infância é perversa na trama? Tudo isso nos faz enxergar Heathcliff (2011) como vilão, pois ele age sem nenhuma motivação e sempre sente prazer em praticar sua

maldade já que a história do filme não nos apresenta seu passado de forma integral e clara para podermos compreendê-lo. De acordo com Beth Brait o personagem Heathcliff se encaixa na categoria de personagem *plana*.

[...] construídas ao redor de uma única idéia ou qualidade. Geralmente, são definidas em poucas palavras, estão imunes à evolução no transcorrer da narrativa, de forma que as suas ações apenas confirmem a impressão de personagens estáticas, não reservando qual-quer surpresa ao leitor (BRAIT, 1987, p. 41).

Em contrapartida na obra literária encontraremos Heathcliff com uma natureza bastante complexa e com mais intensidade diferente da adaptação (2011) aqui ele se encaixa na categoria de personagem com a classificação de *redondas* com afirmação Beth Brait (1987):

As personagens classificadas como redondas, por sua vez, são aquelas definidas por sua complexidade, apresentando várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor. São dinâmicas, são multifacetadas, constituindo imagens totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano (BRAIT, 1987, p. 42).

Nesse sentido, entendemos que o personagem no romance literário tem sua essência particular segue de forma mais fluida e conseguimos compreender sua natureza e o motivo de suas ações de forma convincente para que possamos entender a construção de Heathcliff. Neste sentido Candido (2018) confirma:

No romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem. A nossa interpretação dos seres vivos é mais fluida, variando de acordo com o tempo ou as condições da conduta. No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva de sua existência e a natureza de seu modo-de-ser. (CANDIDO, 2018, p. 58-59).

Nesse cenário, podemos compreender como a autora Brontë constrói Heathcliff um personagem vilão e herói ao mesmo tempo e de que forma podemos enxergar essa característica dentro da obra literária. Para isso temos que constatar como age um anti-herói.

Um anti-herói é um protagonista que tem uma ou várias falhas, ao contrário das restantes personagens; ele é alguém que perturba o público com as suas fraquezas e no entanto ele é demonstrado de forma a criar empatia, de modos que ele magnifica as fragilidades do ser humano (MORELL apud BARANTA, 2015, p. 13).

Nesse sentido, podemos entender o agir do personagem Heathcliff e o motivo de suas ações e suas constantes mudanças ao longo da trama, foram grandes as aflições que Heathcliff teve que suportar em morro dos ventos uivantes por ser um estrangeiro e sem qualificações para estar no seio daquela família tradicional inglesa apesar do senhor da casa ter grande afeição por ele isso não era o suficiente para o acolhimento do menino. Como podemos confirma em um trecho da obra narrado pela governanta senhora Dean que nos conta a primeira noite de Heathcliff no casarão:

Recuram-se completamente a deixá-lo dormir na mesma cama que eles, ou até no mesmo quarto; e eu não era mais sensata do que as crianças, e deixei o menino no pé da escada, na esperança de que na manhã seguinte já tivesse ido embora. (BRONTË, 2019, p.40).

Assim foi a chegada de Heathcliff marcada por desprezo e preconceito o mesmo pode ser visto na adaptação de Arnold, contudo o desprezo que Heathcliff sente pela família que o acolhe em sua chegada é ainda maior na cena fílmica. A cineasta faz enquadramento em seu rosto dando a cena um ar sombrio e tenebroso como se Heathcliff trouxesse consigo o que havia de pior para dentro de casa e seu olhar marcante durante as cenas nos faz pensar em sua natureza perversa ainda na infância. Vejamos bem a figura 4 a cena da chegada do menino e a caracterização que a roteirista deu a seu personagem em contrapartida do texto-fonte.

Figura 4: O olhar de Heathcliff ao conhecer sua família adotiva



Fonte: Filme Morro Dos Ventos Uivantes (2011).

Diante disso, podemos entender como a caracterização desse vilão icônico é apresentado como um ser único na adaptação de (2011) um vilão incurável em controvérsia a obra literária que nos apresenta um ser oprimido, desprezado e mutilado por seu irmão adotivo Hindley e os criados do casarão.

Contudo, todos achavam que ele permaneceria assim para sempre, pois quase não reclama apesar de todas as humilhações que sofria e chicotadas que Hindley por diversas vezes ordenava a Joseph seu criado, pois bem estavam enganados *“de fato, ele reclamava tão pouco de brigas como essa que eu realmente achei que não fosse vingativo: eu estava completamente enganada, como o senhor já vai ouvir”*. (BRONTË, 2019, p. 42). Assim configura-se a figura de um vilão herói como afirma Christopher Vogler (2006):

[u]m anti-herói não é o oposto de um Herói, mas um tipo especial de Herói, alguém que pode ser um marginal ou um vilão, faz um ponto de vista da sociedade. Mas com quem a platéia se solidariza, basicamente. E nos identificamos com esses marginais porque todos nós, uma ou outra vez na vida, nos sentimos marginais (VOGLER, 2006, p. 58) .

Apesar de sua infância difícil e privações que teve com mais intensidade logo após a morte de seu bem feitor, Heathcliff aguenta tudo por amor a Cathy, porém o ódio começa a ser semeado aos poucos até mesmo pela pessoa que ele mais ama Cathy, que demonstra seu desprezo depois de cinco semanas na casa dos Linton *“ora, como você está negro e contrariado! E que... engraçado e triste! Mas isso é porque estou acostumado com Edgar e Isabella Linton. Bem, Heathcliff, esqueceu-se de mim?”* BRONTË (2019).

Contudo, acreditasse que as perguntas feitas anteriormente tenham sido respondidas e que agora podemos compreender ao longo deste trabalho que Heathcliff é apenas um reflexo da sociedade vitoriana do século XIX que se mostrou de forma incontinente ao desprezá-lo por sua origem desconhecida e sua pele escura o que não era comum nas famílias inglesas da época.

A autora Émile Brontë criou um personagem que se mostra tão odiado e amado ao mesmo tempo e criou junto com Heathcliff um amor que transcende a morte assim como o ódio e obsessão que o atormenta por não poder vivenciar seu amor por Cathy a única mulher que Heathcliff amou. Diante disso, ele se torna um

ser ainda mais odiado e de coração duro vistos por todos depois de traçar sua vingança incansável pela descendência dos Linton e os Earnshaw que ainda restavam. Brontë (2019):

- Áspero com a ponta de uma serra, e duro como basalto! Quanto menos o senhor se envolver com ele, melhor.

- Ele deve ter tido alguns altos e baixos na vida para ser tão grosseiro. Você sabe alguma coisa do passado dele?

- A vida dele é como a de um cuco ¹, senhor: sei tudo sobre ele, exceto onde ele nasceu quem eram seus pais e como conseguiu sua fortuna. (BRONTË, 2019, p. 37).

Por fim, não teríamos um homem tão terrível e desprezível em sua vida adulta como Heathcliff se não fosse por sua vida insalubre na infância seu psicológico afetado ao extremo a ausência do bem e das boas ações, uma vida sem sentido no meio de pessoas que o privou do básico e que fazia questão de ensiná-lo que ali não era seu lugar. Logo, a própria sociedade o moldou de certa forma extraíndo o pior ser que existia dentro de si e o fez enxergar um mundo de ódio e vingança para reescrever sua história como afirma Dias (2012):

Através de um plano de vingança, ele se afirma como superior aos ingleses que o oprimiram tanto no que diz respeito à virilidade quanto à capacidade intelectual e emocional para lidar com os conflitos que surgem ao longo de sua vida, mas também para reescrever sua história de submissão e tornar-se senhor do próprio destino. (DIAS, 2012, p. 239).

Não sabemos como ele seria se não tivesse sofrido tudo isso em sua infância e juventude, mas sabemos que grande parte desse processo foi causada pela própria sociedade da época. Acredita-se que foi isso que Brontë quis mostrar ao construir um personagem tão icônico e fora do “padrão” como Heathcliff.

O romance como um todo, de certa forma, trata dessa busca pelo reino perdido de Heathcliff. Ele quer reencontrar seu mundo bucólico, estando disposto a fazer qualquer maldade para reencontrá-lo. Há uma inadequação entre Heathcliff e o mundo “normal”, ele pertence ao mundo da sua infância e quer desesperadamente voltar para ele. (SANTOS, 2015, p. 351).

¹ Os cucos são pássaros conhecidos pelo hábito de depositar os ovos nos ninhos de outras aves, para que sejam chocados por elas; a personagem faz uma referência clara ao fato de Heathcliff ter tomado o lugar de Hareton como chefe da casa do Morro dos Ventos Uivantes. [N. do T.]

Segundo santo (2015) citado anteriormente esclarece toda trajetória de Heathcliff em tentar se encaixar a todo custo em uma sociedade que não o aceita apesar das riquezas conquistadas na vida adulta. Contudo à única coisa que ele realmente queria era sua amiga de infância, seu primeiro e único amor Cathy não sendo mais possível, pois a morte a levou e o amor avassalador de Heathcliff agora se transforma em obsessão e vingança a todos que trazem a lembrança de Catherine Earnshaw seu amor impossível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É o fim da estadia em Morro dos Ventos Uivantes através das telas do cinema e das narrativas literárias, o que fica são impressões de um personagem que transcende a expectativa do leitor/espectador e essa pesquisa foi sem duvida um divisor de águas para compreendemos a trajetória e a construção de Heathcliff desde sua infância marcada por preconceitos, humilhações por sua etnia desconhecida, abandono e privações, foram muitas as chibatadas e desprezo da maioria dos membros de sua família adotiva.

Contudo, Heathcliff suportou tudo sem reclamar porque tinha ao seu lado Cathy na qual nutria um amor incondicional e foi esse amor que o fez suportar todo o desprezo da sociedade inclusive o de seu irmão adotivo Hindley. Mas esse mesmo amor se transformou em obsessão e vingança a partir do momento em que Heathcliff e Cathy são separados por circunstância sociais. Apesar de Heathcliff ter conquistado muitas riquezas já era tarde para ele seu amor já havia se casado com Edgar Linton o que só aumentou sua sede de vingança. E toda sua riqueza só serviu para por sua vingança em ação contra as gerações dos Earnshaw e Linton.

Dessa forma, esta pesquisa também tem o intuito de demonstrar através de um estudo comparativo entre a adaptação cinematográfica e a obra literária quais foram suas motivações, divergência e implicações na construção do personagem através da releitura e quais foram às mudanças e até onde ela afeta a interpretação da obra original para seu leitor/espectador. Sem desconsiderar a obra fílmica que

tem seu reconhecimento e serve como canal para o conhecimento ou aprimoramento de grandes clássicos da literatura mundial.

Por fim, esse estudo comparativo entre as duas obras: fílmica e literária foi de grande relevância para podemos analisar e identificar a verdadeira natureza de Heathcliff através de sua infância e assim concluímos que não se trata de um vilão e sim de um anti-herói a mercê de uma sociedade preconceituosa e com padrões elitizados.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Baptista. **O filme e o realismo**. Lisboa: Editora Arcádia, 1961. P.172.

BAZIN, André. Por um cinema impuro – defesa da adaptação. In: BAZIN, André. **O cinema: ensaios**. Tradução de Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 95.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Walter Benjamin: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.180.

BLUESTONE, George. **Novels into Film**. Berkeley, University of Califórnia Press, 1973. P.219.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 3 ed. São Paulo/SP: Ática, 1987.

BREMOND, Claude. **Ética do Filme e Moral do Censor**. In: ESPÍRITO SANTO, Michael. (org.). Cinema, Estudos de Semiótica. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1973. P.85.

BRONTË, Emile. **O morro dos ventos Uivantes**. Traduzido por João Sette Camara – Jandira, São Paulo: Ciranda Cultural, 2019.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Decio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Sales. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2018. p. 58-59.

CARVALHO, Ana Cristina Teixeira de Brito. **Do Romance ao Filme: a metaficção como estratégia de constituição da forma nas narrativas**. Bufo & Spallanzani. 2013. 243 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da**

confusão de fronteiras. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 37.

DIAS, Daise Lilian Fonseca. O morro dos ventos uivantes: um estudo pós-colonial. **Estudos Anglo-Americanos**, São José do Rio Preto, n. 37, p. 239, 2012.

ESPÍRITO SANTO, Michel do. **Cinema, Estudos de Semiótica**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.p. 59.

GUIMARÃES, Hélio. O Romance do Século XIX na Televisão: Observações sobre a adaptação de Os Maias. In: PELLEGRINI, Tânia et al. **Literatura, Cinema e Televisão**. São Paulo: Editora Senac: Instituto Itari Cultural, 2003. p. 91.

HUTCHEON. Linda. **A theory of adaptation**. New York and London: Routledge, 2006. p. 2.

KOTHE, Flávio René. **A narrativa Trivial**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994. p. 30.

LIBERATTI, E.; LUIZ, T. M. A Tradução Intersemiótica na Turma da Mônica. **In-Traduções**, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 15, 2011.

LOPES, Chico. Cinema e Literatura: **Dança e Tropeço**. Disponível em: http://verdestrigos.org/sitenovo/site/cronica_ver.asp?id=246 . Acesso em 02 de fev. de 2024.

MANCINI, R. A tradução enquanto processo. **Cadernos de Tradução**, vol. 40, n. 3. Florianópolis, 2020. p. 17.

MATSUOKA, Sayuri Grigório. **Espaço e personagem na ficção de Eça de Queirós e Machado de Assis**. 2018. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Humanidades, Departamento de Literatura, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

MORRO DOS VENTOS UIVANTES, Direção: Andrea Arnold. Produção: Adam Kulick, Hugo Heppell entre outros. Elenco: Kaya Scodelario, James Howson, James Northcote entre outros. Título original: Wuthering Heights. Roteiro: Andrea Arnold e Olivia Hetreed. Focus Filmes, 2011. (2 hrs e 8 min).

NASCIMENTO, Marlon de Araújo. **Crítica à sociedade vitoriana: perspectiva fílmica de Tim Burton em Alice no país das maravilhas**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 03, Vol. 12, pp. 92-102. Março de 2020. ISSN: 2448-0959, Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/letras/critica-a-sociedade-vitoriana>. Acesso em 03 de jan. de 2024.

PELLEGRINI, Tânia et al. **Literatura, Cinema e Televisão**. São Paulo: Editora Senac: Instituto Itaú Cultural, 2003. p. 16.

PLAZA, Júlio. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1987. P. 12.

SANTOS, João Pedro Rodrigues. Um diálogo entre literatura e filosofia: a representação do Mal no romance O morro dos ventos uivantes. In: DIALOGUE UNDER OCCUPATION, 7., 2015, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. p. 351.

SCOZ, Eduardo Gern. A crítica de Emily Brontë em O morro dos ventos uivantes. **Cadernos de Clio**, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 15-16-21, 2018.

SIQUEIRA, Ana Marcia Alves. Configuração do mal na demanda do Santo Graal. In: MONGELLI, Lênia Márcia (org.). **De cavaleiros e cavalarias**. Por terras de Europa e Américas. São Paulo: Humanitas, 2012. p. 91.

STAM, Robert, **A Literatura Através do Cinema: Realismo, magia e arte da adaptação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

TEIXEIRA, J.M.;BELMIRO,CA. **Adaptações cinematográficas e obras literárias sob a ótica dos leitores-espectadores do ensino fundamental II**. SELL, Uberaba, MG, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/>. Acesso em: 02 de dezembro de 2024.

TOCAFUNDO, Ronan Daré; RODRIGUES, Emanuelle Silva. **Herói, anti-herói e vilão: a percepção crítica contextualizada à sala de aula.** Revista Educação Pública, v. 19, nº 31, 26 de novembro de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/31/heroi-anti-heroi-e-vilao-a-percepcao-critica-contextualizada-a-sala-de-aula>. Acesso em 15 de jan. de 2024.

VOGLER, C. **A jornada do escritor – Estruturas míticas para escritores** / Christopher Vogler; Tradução de Ana Maria Machado 2. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2006.p.58.

WOLLEM, Peter. **Signos e significação no cinema.** Lisboa: Livros Horizonte, 1984. p. 165.